

RESENHA

GLAESER, Ludwin Edward. **Os centros Urbanos:** a maior invenção da humanidade. São Paulo: Elsevier. 2011.

Demétrius Rodrigues de Freitas Ferreira

Sociólogo, mestre em Desenvolvimento Urbano e doutorando em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: demetriusrodrigues@gmail.com

Joelmir Marques da Silva

Doutorando em Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: joelmir_marques@hotmail.com

A obra de Glaeser oferece, a partir de uma simples constatação, um panorama geral de como as cidades modernas e seus centros urbanos representam a melhor forma de organização social, econômica e ambiental. Edward Ludwin Glaeser é professor de economia da Universidade de Harvard, onde desenvolve estudos na área de habitação, segregação, crime e inovação urbana. Munido de argumentos econômicos e fatos históricos que abarcam desde o nascimento das cidades e suas valorosas contribuições à humanidade, o autor demonstra com riqueza de detalhes a importância das cidades, afirmando que é nelas que encontramos o berço das grandes ideias em todos os campos da ciência e das artes.

A ideia central do autor reside no fato de que as cidades modernas estão sempre crescendo e, não por acaso, a urbanização se intensifica com o passar dos anos, pois os centros urbanos são a melhor forma de organização social, econômica e ambiental, proporcionando uma riqueza relativa (e até certo ponto absoluta) em relação às áreas rurais. Para Glaeser as cidades possuem superioridade em relação às áreas rurais através do seguinte fato: as cidades modernas atraem cada vez mais pessoas, pois proporcionam maiores possibilidades de ascensão socioeconômica, fator que torna a urbanização um fenômeno mundial. Desta forma, também proporcionam maior interação e fluxo de informações, contribuindo para o processo de inovações tecnológicas, sociais, culturais, econômicas, etc.

Empreendedorismo, inovação e competição são elementos que, quando agregados, impulsionam as transformações tecnológicas, artísticas e produtivas, as oportunidades de negócios e acumulação de riquezas, tidos pelo autor como explicação para o sucesso dos centros urbanos.

Todavia, isso não significa que os centros urbanos são locais desprovidos de problemas, pelo contrário, apesar das benesses existentes, a pobreza urbana é uma presença marcante, não importando quão bem sucedidos são estes. Glaeser trata desse assunto de forma relacional, enxergando na pobreza urbana um resquício da pobreza absoluta existente, normalmente, em áreas rurais. O autor também argumenta que a urbanização gera aumento da pobreza em determinadas circunstâncias. Porém, ainda assim, é uma pobreza relativa se comparada às áreas rurais.

A pobreza urbana, grosso modo, é medida pela falta de consumo de determinados bens e serviços públicos, ao passo que a pobreza rural normalmente é marcada pela miséria. Inclusive, justifica historicamente esse ponto de vista através dos movimentos migratórios em escalas locais, regionais e globais (capítulo 3), tomando como exemplo um caso no Brasil, o movimento migratório da população proveniente do nordeste brasileiro, região de economia predominantemente rural e com graves problemas sociais, que migrou massivamente para os centros urbanos do sudeste (Rio de Janeiro e São Paulo principalmente), à procura de melhores condições de vida. Apesar de os centros urbanos do sudeste brasileiro não comportarem adequadamente essa massa significativa de migrantes, ainda assim conseguem acomodar essa população, pois representam uma melhora significativa na vida destes que dificilmente retornam para a região de origem.

Entretanto, apesar de os centros urbanos representarem vantagens para aqueles que o procuram e concentrarem atualmente a produção das riquezas mundiais, eles também entram em declínio. Nesse aspecto a base argumentativa do autor é clara e extensa, afirmando que o declínio destes nada mais representa do que a negação de sua vocação (empreendedorismo, competição e inovação). Essa negação ocorre em função de diferentes movimentos que tentam barrar o crescimento das cidades, adotando posturas inflexíveis de limitação da ocupação/construção no solo urbano, má administração pública, e movimentos ambientalistas urbanos ou particularidades sociais voltadas à preservação e identidades locais. Segundo o autor, a prosperidade de uma

cidade ocorre em função de seu crescimento e quaisquer que sejam as barreiras para tal, podem influenciar em seu declínio.

Outro elemento de análise diz respeito ao caráter “ambiental” dos grandes centros urbanos. As cidades concentram um aglomerado humano que tende a crescer cada vez mais. Essa forma de ocupação concentrada diminui consideravelmente o uso do espaço, inibindo o desmatamento para ocupação, bem como o consumo de combustível para locomoção. Desta forma, tendo seu oposto no estilo de vida suburbano, fortemente praticado nos Estados Unidos da América, onde as pessoas precisam se locomover diariamente para seus locais de trabalho e usufruem de suas casas em grandes condomínios que antes abrigavam uma vegetação nativa, ostentando um estilo de vida ambientalmente insustentável, depredando não só a natureza como também poluindo muito mais do que se morassem em cidades, em apartamentos próximos aos trabalhos. Em outras palavras, segundo o autor, as cidades são ambientalmente sustentáveis por diminuir sensivelmente a ocupação espacial e o consumo de combustíveis poluentes (derivados do petróleo).

A obra de Glaeser é, no mínimo, inquietante. A força de seus argumentos empíricos é contundente, rebatendo com veemência o discurso dos defensores de limites para a ocupação e construção das cidades. Assim, para reflexão, fica a máxima do autor sobre o inexorável crescimento dos centros urbanos: grandes cidades se constroem com grandes arranha-céus.

Recebido em: 15/05/2014

Aprovado em: 29/04/2014